

A QUESTÃO DA EXISTÊNCIA DE
DEUS SEGUNDO CUNHA SEIXAS

*THE QUESTION OF GOD EXISTENCE
ACCORDING TO CUNHA SEIXAS*

MARIA AMÉLIA DE ARAÚJO SILVEIRA DE BRITO
UNIVERSIDADE CATOLICA PORTUGUESA
CENTRO REGIONAL DE BRAGA

RAMIRO DÉLIO BORGES DE MENESES
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE GANDRA, PAREDES
borges272@gmail.com

RESUMO: Cunha seixas foi autor do pantiteísmo que assenta no princípio essencial de que deus está em tudo, mantendo a sua substancial diferença de tudo; tudo e cada coisa revela o absoluto e o manifesta nas três leis do ser, da manifestação e da harmonia. Concebido como "uma nova harmonia de sistemas", onde caberiam todos os ensinamentos do espiritualismo e todos os progressos das ciências, seixas aplicou o pantiteísmo a quase todos os âmbitos do saber. Na ciência, as leis pantiteístas são metafísicas e universais e abrangem tudo; "o ser, no livro da ciência, é a exposição geral do seu objecto: a manifestação é o desenvolvimento de cada uma das teorias na sua variedade: a harmonia é o complexo das consequências congruentes dos factos e dos resultados gerais de cada teoria, de modo a

ligá-los sob a unidade do sistema"; sem essa harmonia não haveria verdadeiro saber panteístico.

PALAVRAS-CHAVE: Cunha Seixas, panteísmo, existência de Deus.

ABSTRACT: According to cunha seixas the pantheism focuses the essential principle that god is all and in all things, where is the substance difference from all. all gives he absolut and refers by the way in three laws: harmony, revelation and being. this pantheism in all wisdom according to the new systems harmonization. in science the pantheistic laws include all reality.

KEYWORDS: Cunha Seixas, God's existence, panteism, and ontology.

O *pantiteísmo* de José Maria da Cunha Seixas, que António Quadros, com justiça, considerou um sistema "original, (...) coerente e harmonicamente deduzido"¹, assenta no princípio essencial de que Deus está em tudo, mantendo a sua substancial diferença de tudo. Tudo revela o Absoluto, tudo e cada coisa O manifesta em três leis englobantes de tudo: a do ser, a da manifestação e a da harmonia.

Na concepção do seu autor, o pantiteísmo é um sistema laboriosamente operado por sobre todos os estudos dos pensadores até ao século XIX², cuja construção resulta da e na total recusa do positivismo materialista e na oposição crítica a muitas das ideias defendidas pelos vários sistemas ainda vigentes no seu tempo, todos incompletos, que Cunha Seixas reduz a quatro: panteísmo, sensualismo, racionalismo e espiritualismo. Apesar de o pantiteísmo ser um sistema espiritualista, é também crítico do espiritualismo, designadamente do espiritualismo seu contemporâneo no qual se incluía o panteísmo de Karl Christian Krause que sendo, para Seixas, o sistema mais credível e completo de todos, continha algumas dificuldades e insuficiências que o nosso filósofo quis

* Todas as indicações bibliográficas das obras de José Maria da Cunha Seixas serão apresentadas em nota de rodapé sob a forma de siglas por questões de economia de espaço. Assim:

P.G.F.H. SEIXAS, J. M. da Cunha — *Princípios Geraes de Philosophia da História*, (Dissertação para o concurso à cadeira de História Universal no Curso Superior de Letras). Lisboa: Tipografia da Casa Progresso, 1878.

G.C.C. SEIXAS, J. M. da Cunha — *Galeria de Ciências Contemporâneas*. Porto: Imprensa Comercial de Santos Corrêa & Mathias, 1879.

F.D'A. SEIXAS, J. M. da Cunha — *Fantásias D'Amor*. Lisboa: empresa Literária Luso-Brasileira, 1880.

P.A. SEIXAS, J. M. da Cunha — *O Pantiteísmo na Arte, Cânticos e Poesias*. Lisboa: Tipografia da Biblioteca Universal, 1883.

E.C.F. SEIXAS, J. M. da Cunha — *Ensaio de Crítica Filosófica, ou Exposição do Estado Actual da philosophia*. Lisboa: tipografia da Biblioteca Universal, 1883.

E.L.F. SEIXAS, J. M. da Cunha — *Estudos de literatura e de Filosofia segundo o Sistema Pantiteísta*. Lisboa: Tipografia da Biblioteca Universal, 1884.

L.H. SEIXAS, J. M. da Cunha — *Lucubrações Históricas*. Lisboa: Lucas & Filhos - Editores, 1885.

P.G.F. SEIXAS, J. M. da Cunha — *Princípios Geraes de Philosophia*. Lisboa: Imprensa Lucas, 1897.

¹ QUADROS, António — *Introdução à Filosofia da História (Mito, História e Teoria da História no Pensamento Europeu e no Pensamento Português)*. Lisboa: Editorial Verbo, 1982, p.89; cf., p.198.

² Cf., *P.G.F.*, p.173.

superar. No entanto, Cunha Seixas retira de todos os sistemas a que se opõe ou critica, contributos que tenta sintetizar no seu original sistema pantiteísta, porque o concebe como "uma nova harmonia de sistemas"³, onde, como diz, cabem todos os ensinamentos do espiritualismo e todos os progressos das ciências⁴ até ao século XIX.

O sistema Pantiteísta sustenta uma teoria filosófica singular que o pensador beirão distingue claramente do Panteísmo e do Panenteísmo. O Panteísmo, também defendido em Portugal, na época, nomeadamente pelo pensador metafísico Domingos Tarroso, pretendia que *tudo é Deus*. Por sua vez, o Panenteísmo do filósofo alemão Krause, seguido pelos seus discípulos belgas Ahrens e Tiberghien, divulgado em Espanha por Sanz del Rio e por Giner de los Rios e introduzido no nosso País pelo ensino universitário coimbrão de Vicente Ferrer Neto Paiva — que muito influenciou alguns pensadores portugueses do século XIX, particularmente no campo filosófico-jurídico — advogava a tese de que *tudo está em Deus*. Cunha Seixas, que tinha sido aluno, na Universidade de Coimbra, de Neto Paiva, no Curso de Direito Natural, deixou-se influenciar pelo pensamento do filósofo alemão, mas criticando-o quis suplantá-lo. Assim, substituiu o Panenteísmo pelo Pantiteísmo em que o princípio geral intuído é "*Deus está em tudo*"⁵ sem que a sua essência se confunda com a de nenhuma coisa.

Para Cunha Seixas, em tudo, tanto no pensamento como em qualquer outra realidade, tanto no conhecimento como nas coisas do mundo, tanto no desenvolvimento da vida humana, ontogenética e filogeneticamente considerada, como no de todos os seres da natureza, estão subjacentes as leis do ser, da manifestação e da harmonia. Psicologicamente explicam a vida do pensamento, logicamente explicam a actividade da razão, ontologicamente explicam toda a realidade. São leis do espírito que governam o pensamento e o mundo. São leis universais, e são, em última análise, a base objectiva do saber, e a sua origem é metafísica e lógica, de tal modo que sempre que pensamos, pensamos o ser, pensamos o Absoluto, quer o pensamento seja afirmativo quer seja negativo. Todo o ser que sempre é, se manifesta, e existe numa ordem determinada com relação a uma harmonia universal, para Cunha Seixas,

³ P.G.F., p.273.

⁴ Cf., P.G.F., p.272.

⁵ P.G.F., p. 1066.

manifesta o Ser Absoluto, manifesta Deus que está em tudo sem se confundir com nada.

Para Cunha Seixas, Deus manifesta-se em todo o ser, seja ele qual for, e a própria ideia de ser, de todas a primeira — porque é indicadora de tudo o que é independente, imutável, perpétuo e eterno — é a expressão do absoluto⁶ tanto no pensamento como nas coisas; a ideia ou lei da manifestação, resulta de que tudo tem uma forma e essa forma contém as qualidades das coisas, o modo de ser das coisas e é a *manifestação* do ser das coisas; a ideia ou lei da harmonia enquadra-se na concepção de que todas as coisas têm uma ordem, porque ocupam um determinado lugar na hierarquia dos seres, de tal modo que há uma *harmonia* para todas as coisas e entre todas as coisas com subordinação à harmonia universal. Assim, para Cunha Seixas, tudo é uno no ser, variado na forma e harmónico na ordem a que pertence. Para ele, tudo — tanto as coisas, como o pensamento na sua compreensão das coisas — está, em última análise, submetido a essas três leis universais: a lei do ser, que torna cada coisa uma e uma no seu todo; a lei da manifestação, que exterioriza o modo de ser das coisas na sua variedade e mostra as suas qualidades; e a lei da harmonia, pela qual tudo se relaciona com tudo numa ordenação rigorosa que culmina na Harmonia Universal⁷.

Em termos gerais, ser, manifestação e harmonia são as três leis pantiteístas englobantes de tudo, base universal e objectiva de todo o saber, que Cunha Seixas aplica em todas as suas reflexões, quer elas tratem do caminho que leva o espírito humano a si próprio, ao mundo e a Deus e, nomeadamente, do caminho que vai do finito ao infinito, quer tratem do modo como o infinito se manifesta no finito, ou seja, nos mundos e no espírito humano. No entanto, se para Seixas, por um lado, essas leis existem e estão na base de todo o pensamento, por outro, não o estão explícitas e é pela análise das ideias ontológicas da razão, seguida de sínteses sucessivas, que o nosso autor, conduzido “por uma lógica rigorosa”⁸, vai classificando os elementos absolutos das ideias ontológicas até formar os três tipos gerais, que se desdobram nas três leis universais⁹. Para nos mostrar como chegou a essas leis gerais do seu sistema, o nosso pensador esclarece-nos quanto

⁶ Cf., *P.A.*, Prólogo, pp. X-XI.

⁷ Cf., *P.A.*, Prólogo, p. XXIV e ss.

⁸ *P.G.F.*, p.772.

⁹ Cf., *P.G.F.*, p.772.

à marcha imperiosa do espírito que, recebendo qualquer facto experimental em si mesmo, encontra logo a ideia de ser, e num processo ascendente que vai desta ideia de extensão máxima e compreensão mínima, à ideia de ordem, a mais compreensiva, tudo é sintetizado e englobado na harmonia universal. A propósito dos factos experimentais surgem no espírito as ideias ontológicas da ordem média, no caminho das quais se encontram as três leis pantiteístas, e a propósito das da ordem média “topeta” o espírito com as da ordem suprema.

Nessa marcha do espírito, Cunha Seixas mostra como as ideias ontológico-rationais ou ideias-elemento, são ideias ínsitas no espírito, de evidência racional, “que nos são dadas intuitivamente como axiomas indiscutíveis”¹⁰, sem os quais seria impossível qualquer conhecimento e, conseqüentemente, toda a ciência e toda a filosofia.

Assim, as ideias racionais — que para além das experimentais e das reflexas, completam os tipos de ideias considerados pelo nosso pensador— são, na sua própria designação, “concepções, pensamentos da razão, ideias da razão, categorias, ideias tipo”¹¹ e elas, que são a ideia de ser, substância, causa, relação, espaço, tempo, grandeza, finalidade e ordem, são propriedades da alma¹², são *ideias congénitas* da razão; são “*disposições primitivas*” da razão, “*ideias ínsitas*” no espírito, sem as quais não podemos sequer pensar¹³. Não podemos, por exemplo, “pensar em realidades sem a ideia de *ser*, nem em qualidades sem a de *substância*, nem em factos sem as ideias de *causa e relação*, nem em corpos sem a de *espaço*, nem em movimento sem a de *tempo*, etc...”¹⁴. Mas sendo ínsitas à razão, “não no sentido de existirem com toda a perfeição e conscientemente em nós, mas no de serem *disposições primitivas* (...) para tornarem possível o conhecimento, a que (...) dão forma”¹⁵, elas são convocadas pela matéria que os sentidos lhe fornecem no contacto com os factos da experiência. Para Seixas só podemos pensar a partir das ideias da razão ou, dessas “*disposições naturais*”¹⁶ do

¹⁰ G.C.C., p.99.

¹¹ P.G.F., p.29.

¹² Para Seixas, “a alma é alguma coisa primordial, apta, hábil, activa e adequada nos seus fins”P.G.F., p.16 e esse conjunto de propriedades só é explicável se admitirmos as ideias racionais como ínsitas no espírito, constitutivas dessas capacidades da alma cf., P.G.F., p.17.

¹³ Cf., P.G.F., p.17.

¹⁴ P.G.F., p.17.

¹⁵ P.G.F., p.17.

¹⁶ P.G.F., p.18.

espírito, que são afinal “uma luz que se reflecte em nós, vinda de origem suprema, mas que todavia dependem da nossa reflexão para, por este meio, sobressaírem no seu esplendor”¹⁷.

Para além da sujeição a estes princípios fundamentais, o sistema pantiteísta prende-se ainda com a concepção que o seu criador tem da Filosofia como ciência e da relação que ela mantém com as outras ciências. Em *Princípios Gerais da Filosofia*, onde o pensador começa por dizer que no século XIX, depois de consumada a total emancipação das ciências em relação à filosofia, e perante a incapacidade de Ribot para responder à questão de saber se estaria terminada a missão da filosofia, Cunha Seixas rejeita qualquer solução positivista para a relação entre a filosofia e as outras ciências, porque, para ele, existe uma unidade de pensamento na filosofia que é diferente da unidade atingida pelas outras ciências. O espírito filosófico tem leis próprias com as quais pode dominar as ciências e existem axiomas indiscutíveis que formam a base da pirâmide da vasta construção científica que pertencem inteiros à filosofia. Com base na existência desses “princípios, como dote natural e ínsito do espírito”¹⁸, e entendendo que não é possível suprimi-los, para o autor pantiteísta “é necessário que haja uma ciência que recebendo como tributo as leis mais gerais e as revelações mais altas de todas as ciências, opere uma concatenação sintética, um núcleo universal, a pirâmide de todo o edifício”¹⁹. Para Seixas, essa ciência é a filosofia e, por isso, voltou a defini-la como o tinha feito já em *Ensaio de Crítica Filosófica*, isto é, como “a ciência geral, unitária e harmónica, dos princípios, causas e leis, que dominam a ordem universal: ou sistema das primeiras realidades do universo na sua generalidade: ou ciência do universal no seu conjunto”²⁰. Para o nosso pensador, a filosofia como “centro universal do conhecimento, é também a alma de todas as ciências”²¹ e, embora cada ciência tenha as suas próprias leis, é à filosofia que compete, com as leis universais da razão, a edificação da “unidade geral dos conhecimentos, fazendo deles um todo”²². Na procura dessa unidade do saber, como observa Seixas, se têm consumido os quatro principais sistemas filosóficos. Todos falharam, ou por parcialidade ou por incompletude e, por isso,

¹⁷ P.G.F., p.19.

¹⁸ P.G.F., p. 4.

¹⁹ P.G.F., p. 4.

²⁰ P.G.F., p. 4; E.C.F., p.177.

²¹ P.G.F., p. 5.

²² P.G.F., p. 5.

o autor se propõe compor e esclarecer um outro que, sendo espiritualista, seja novo, isto é, propõe-se apresentar e esclarecer o original sistema pantiteísta que, como o próprio autor diz, se “*etimologicamente* significa Deus em tudo”²³, “*cientificamente* é o sistema, que formando a *conjunção* de todas as ciências e exibindo as determinações destas na *permanência* de seus princípios e na *evolução* infinda, que lhes compete, exhibe uma *síntese harmónica* de leis universais, sob a unidade do *absoluto*”²⁴. Segundo o nosso filósofo, desta definição podemos deduzir que o seu sistema “abrange a parte elementar e fundamental de todas as ciências (conjunção)”; que toma cada ciência em si mesma e do todo delas “a permanência de princípios e a evolução infinda que deles dimana”²⁵ e ainda que o seu sistema “pregoa como lei última a harmonia sob o princípio do absoluto”²⁶. Este absoluto era, para Seixas, Deus, mas um Deus filosófico, pensado independentemente da teologia ligada à religião cristã revelada. Como ele mesmo esclarece quase no fim da sua maior e mais acabada obra, “o Deus da nossa filosofia, que cremos ser o verdadeiro Deus e o da sã filosofia (...) é o absoluto, é o infinito. (...) Anima todo o universo: nele nos movemos e somos: manifesta-se, já pela *força*, já pelas *leis universais*, que são leis absolutas e que se deixam classificar nas três leis ontológico-experimentais do nosso sistema”²⁷; ou seja, as leis do ser, da manifestação e da harmonia que Cunha Seixas vê em tudo e aplica a tudo, que aplica concretamente a todos os âmbitos da reflexão filosófica preparatória ou metafísica, designadamente aos domínios psicológico, lógico, ontológico, gnoseológica, teodiceico, ético, estético e outros. Com este sistema pantiteísta, Cunha Seixas, propondo a conjugação de todas as ciências e estabelecendo como lei última a harmonia sob o primado do Absoluto, pretende, metodicamente, realizar a conjugação harmónica da razão e da experiência, em que a experiência patenteia os factos e a razão sistematiza a unidade das leis universais.

Para o autor pantiteísta "o ser, no livro da ciência, é a exposição geral do seu objecto: a manifestação é o desenvolvimento sucessivo de cada uma das teorias na sua variedade: a harmonia é o complexo das consequências congruentes de todos os factos e dos resultados gerais de cada teoria de modo que estejam ligados

²³ P.G.F., p. 273.

²⁴ P.G.F., p. 273.

²⁵ P.G.F., p.273.

²⁶ P.G.F., p.273.

²⁷ P.G.F., p. 1066.

indissoluvelmente sob a unidade do sistema"²⁸. Não há, portanto, verdadeiro saber sem essa apregoada unidade que o nosso pensador vê na Filosofia, ciência das ciências, pela indissociável ligação de todas elas e delas com a Filosofia²⁹, e que só a Metafísica pode realizar.

Para o filósofo pantiteísta não há nenhuma ciência em que se trate das coisas indeterminadas para depois se caminhar para a sua determinação. Segundo Seixas, "o espírito começa por noções embrionárias, sobre as quais depois recai a reflexão e a análise, até que recompõe o objecto do conhecimento em sínteses complexas e reflectidas"³⁰ e só aí podemos falar de ciência. E assim, para o autor, "toda a ciência é uma determinação de um objecto na sua *natureza*, nas suas *relações* e no seu *todo*. É, pois, um trabalho determinado"³¹ o que a Ciência produz. Na base de todo esse trabalho, há, no entanto, uma Ciência das leis universais, das condições de todos os factos e leis, daquilo que é primitivo em todas elas; uma ciência que é base de todas as mais e da própria matemática, a primeira das ciências das determinações em ordem ascendente. Essa Ciência é, para Seixas, a Ontologia³², que é Ciência Metafísica das leis universais do ser e o ponto de partida objectivo do conhecimento; é a Ontologia que, além de nos dar os axiomas, nos fornece também outros conhecimentos mais largos, tanto nas ideias da ordem média como nas da ordem suprema³³ e, a propósito deles, nos

²⁸ G.C.C., p.167

²⁹ Cunha Seixas era, já no século XIX, defensor da interdisciplinaridade e complementaridade de todas as ciências.

³⁰ P.G.F., p.241.

³¹ P.G.F., p.241.

³² Cf., P.G.F., p.241. O próprio autor reconheceu que a Ontologia deveria, figurar na classificação das ciências antes de todas as outras. Todavia ela não aparece nesse lugar da classificação pantiteísta Cf., P.G.F., pp.247-249 porque, como disse o nosso filósofo, ela pertence à Filosofia.

³³ Para Cunha Seixas, no pensamento e na razão que conhece toda a realidade, o absoluto manifesta-se nas ideias racionais ou ideias-elemento da ordem média que apontam para as ideias da ordem suprema. Mas para o espiritualismo em geral, como para o pantiteísmo em particular, se as ideias da razão, ou ideias-elemento, como Seixas lhes chama — nomeadamente a ideia de ser, de substância, de causa, de relação, de espaço, de tempo, de grandeza, de finalidade e de ordem — são leis do pensamento, elas são também "realidades do universo como leis universais e inteiramente reais" P.G.F., p.19, são ideias da razão, mas são também leis do mundo. Segundo Cunha Seixas, "se eu ouço um som e se creio que não há efeito sem causa, creio, que a esta sensação corresponde uma realidade exterior a mim e por isso julgo existente o mundo exterior" P.G.F., p.19., o que não aconteceria se as ideias da razão fossem meras formas do pensamento.

patenteia as leis do universo. É a Ontologia que exhibe as mais amplas sínteses que harmonizam todas as outras sínteses e todas as leis de todas as ciências. Por mais alargados que sejam os âmbitos nos quais se movimenta cada ciência, segundo Cunha Seixas, o da Ontologia "é muito maior e abraça todos os mais"³⁴. Ora como, para o autor pantiteísta, "a ontologia pertence à filosofia e dela se não pode verdadeiramente separar, porque ela é o próprio cabedal privativo e peculiar da Filosofia"³⁵, a Filosofia tem por objecto as leis de todas as ciências e todas as leis ontológicas, além de que, sendo um património particular da Filosofia, as leis ontológicas dominam também as leis de todas as ciências.

No sistema de Cunha Seixas não há saberes isolados, e tanto entre as diversas ciências como entre elas e a Filosofia existe uma interdisciplinaridade e uma interdependência, repetidamente reiterada pelo filósofo. As ciências inter-agem e complementam-se umas às outras. Elas precisam da Filosofia que lhes dá os fundamentos e realiza a articulação sintética, ordenada e harmónica, integrando as leis das ciências na unitária e superior compreensão universal; e a Filosofia só precisa das ciências porque sem a concatenação das leis científicas, na tal síntese harmoniosa com as leis ontológicas da razão, não haverá sistema filosófico algum, muito menos um sistema como o pantiteísta que pretende recuperar tudo o que o espiritualismo dá, com tudo o que dão as ciências.

Contra a separação dos saberes, e defensor da interdisciplinaridade científica que os positivistas dispensam, para Cunha Seixas é necessário que o pensador se coloque no meio da natureza "com o pensamento de que cada ciência não é mais que a reprodução de uma série de factos e que essa série necessariamente se liga com muitas outras"³⁶. Explicitando, o autor pantiteísta critica os positivistas - materialistas por se internarem apenas na física e na química ao tomarem, por exemplo, a vida como uma série de reacções físicas e químicas, esquecendo "que há muitas outras relações no facto da vida"³⁷, pelo que, esses pseudo pensadores não nos dão "uma noção da essência da vida nem uma definição geral"³⁸. Segundo Seixas, as escolas positivistas e materialistas, "sendo unitárias e incompletas,

³⁴ *P.G.F.*, p. 242.

³⁵ *P.G.F.*, p.242.

³⁶ *P.G.F.*, p.775.

³⁷ *P.G.F.*, p.776.

³⁸ *P.G.F.*, p.776.

nunca podem atingir senão aspectos parciais, os quais elas exibem como gerais, falsificando todas as ciências e toda a verdade"³⁹.

Embora Cunha Seixas tenha dado claro primado à Filosofia e, dentro dela, à Metafísica⁴⁰ o nosso filósofo é, efectivamente, um admirador e um estudioso atento e conhecedor das novidades científica do seu tempo pois, como diz "não há filosofia possível sem esse conhecimento prévio e cabal"⁴¹ porque não se pode construir o edifício desconhecendo os alicerces. Assim, no seu entendimento, só é verdadeiro filósofo aquele que conhece o essencial de todas as ciências, pelo que nenhum cientista, por mais elementos que pense dominar, pode ser filósofo se desprezar as ideias-elementos, sem as quais não há conhecimento possível. Para o nosso autor, o filósofo "não é um erudito (...) que tem variados conhecimentos e uma vasta cultura intelectual"⁴², mas "um sábio" que pode filosofar, porque conhece todas as ciências e, por uma vasta síntese, as pode dominar, ou seja, para Seixas, sábio "é o homem que sabe os princípios gerais de todas as ciências, as principais leis de cada uma e que pode formar uma unidade"⁴³. Ele pode até desconhecer, por exemplo, muitas das combinações possíveis dos elementos químicos, mas não pode ignorar as leis gerais da química, como não pode ignorar as leis gerais das outras ciências, na síntese harmónica das quais se edifica um sistema de Filosofia. Além disso, para o nosso pensador construir "um sistema filosófico tem sempre um alto mérito e marca uma enorme coluna no caminho da história do pensamento, porque além de agigantar a razão, depende de muitos requisitos"⁴⁴. Na construção de um sistema filosófico, não basta o génio do pensador, diz Seixas, é necessário também "um férreo estudo"⁴⁵, "altas meditações"⁴⁶, "um árduo trabalho"⁴⁷ e muita "força de vontade"⁴⁸. Por isso, o nosso filósofo mostra um altíssimo conhecimento das

³⁹ *P.G.F.*, p.776.

⁴⁰ Para Cunha Seixas, só a Filosofia domina o conhecimento dos princípios gerais de todas as ciências e as principais leis de cada uma delas, estabelecendo, com as ideias da razão, a unidade, a verdadeira harmonia para que tudo tende.

⁴¹ *P. A.*, prólogo, p. XXXII.

⁴² *P. A.*, prólogo, p. XXXII.

⁴³ *P. A.*, prólogo, p. XXXII.

⁴⁴ *P. A.*, prólogo, pp. XXXII-XXXIII.

⁴⁵ *P. A.*, prólogo, p. XXXIII.

⁴⁶ *P. A.*, prólogo, p. XXXIII.

⁴⁷ *P. A.*, prólogo, p. XXXIII.

⁴⁸ *P. A.*, prólogo, p. XXXIII.

principais leis de variadíssimas ciências⁴⁹ e mesmo um domínio das mais recentes teorias científicas do seu tempo. Exemplo⁵⁰ curioso disso é o saber que revelou das modernas teorias fisiológicas sobre o coração, nomeadamente as desenvolvidas por Haller e por Racle segundo as quais "o coração não pode sentir dor alguma"⁵¹ porque "a dor só se manifesta em órgãos naturalmente providos de nervos sensitivos, isto é, provenientes do sistema cerebrospectral e ela não existe onde não há nervos raquídios directos ou que só são animados pelo grande simpático"⁵², pelo que "as dores que supomos sentir no coração, têm assento superficial nas partes torácicas"⁵³. Interessante é também notar que, nessa sua actualização científica, Cunha Seixas coloca já a questão da relação que, de facto, parece existir, entre o psicológico e o somático, defendendo a interacção recíproca de um no outro. Quando, a propósito do esclarecimento da linguagem universal, segundo a qual "o coração ama"⁵⁴, Cunha Seixas se refere às teorias de Claude Bernard, relativamente às mútuas influências entre o coração e o cérebro, defende que não só "entre o cérebro e o coração há incessantes relações de acção e de reacção e há solidariedade das mais íntimas acções recíprocas"⁵⁵ como pretendia o cientista francês, mas também que não há apenas forma poética quando se diz que "*o coração está despedaçado pela dor*" ou que "*o amor faz palpar o coração*", ou ainda que "*amamos de todo o coração*"⁵⁶, na medida em que, efectivamente, esses factos psicológicos se fazem acompanhar de fenómenos ou factos fisiológicos. Segundo Seixas "também há verdade

⁴⁹ Do conteúdo das obras de Seixas ressalta, efectivamente, o carácter enciclopédico dos seus conhecimentos científicos que se traduz num evidente domínio das várias Ciências Humanas constituídas na época, mas também das chamadas Ciências da Natureza. É clara a vasta informação que revela da Psicologia, da Sociologia, da Antropologia, da História, da Literatura e da linguística, tal como é notável o seu saber nos campos da Matemática, da Física, da Química, da Biologia e até da Medicina, entre muitos outros.

⁵⁰ Na obra de Seixas, muitos poderiam ser os exemplos dessas relações entre as variadas ciências e entre as ciências e a Filosofia. Se escolhemos estas, foi apenas por nos parecerem importantes e mais interessantes.

⁵¹ *F. DA.*, p.146.

⁵² *F. DA.*, p.146.

⁵³ *F. DA.*, p.147.

⁵⁴ *F. DA.*, p.145.

⁵⁵ *F. DA.*, p.146.

⁵⁶ *F. DA.*, p.146.

fisiológica, quando dizemos que *devemos submeter o coração e fazer calar as paixões*⁵⁷ porque, sem dúvida, se sofre de amor, também fisicamente.

Entre os variadíssimos casos, que poderíamos mencionar como exemplo de inter-relação dos saberes com autonomia de cada um, é a que Seixas nos apresenta entre a Filosofia e a História, mantendo, contudo, a primazia da Filosofia. Em *Galeria de Ciências Contemporâneas*, referindo-se a Demogoot para quem " <a história sem a filosofia é um corpo sem alma e (...) a filosofia sem história é uma alma sem corpo> "⁵⁸, o nosso autor apresenta a sua posição quanto às inter-relações necessárias entre estes dois saberes. Para ele, um e outro têm objectivos, qualidades e esferas próprias, mas um sem o outro não podem atingir esses objectivos, pelo que estão intimamente ligados. Com efeito, diz Seixas, "a filosofia mira à verdade, ao que é, à realidade das coisas: a história mira o passado e, se antevê o futuro, é por se fundar de um lado nos factos anteriores e por outro na luz filosófica"⁵⁹. Além disso, para Seixas, "a filosofia foi sempre uma ciência: a história só modernamente adquiriu os foros de ciência pelo himeneu que contraiu com a filosofia"⁶⁰, e se estas duas ciências que "vivem na mais íntima ligação"⁶¹, mantêm as suas autonomias porque "nem a filosofia cedeu da sua qualidade de sobranceira nem a história prescindiu da sua esfera"⁶², apesar disso, "a história depende da filosofia; mas esta não se funda naquela e sim em princípios de outra ordem"⁶³ porque, enquanto, por exemplo, podemos aceitar que "é lícito à história mostrar pelos dados filosóficos o espírito vivaz do povo grego, civilmente livre e antropomorfo, e a sua superioridade sobre os povos orientais, escravizados e submersos no panteísmo"⁶⁴, seria apenas "galante supor-se, que as leis universais, objecto da filosofia, possam depender e estudar-se na tomada de Tróia ou na batalha de Lepanto"⁶⁵.

Embora para Cunha Seixas a Filosofia seja uma ciência, ela é a suprema e soberana de todas elas, interferindo em todas e a todas abarcando, tanto pelos

⁵⁷ *F. DA.*, p.146.

⁵⁸ *G.C.C.*, p.10.

⁵⁹ *G.C.C.*, pp.10-11.

⁶⁰ *G.C.C.*, p.11.

⁶¹ *G.C.C.*, p.11.

⁶² *G.C.C.*, p.11.

⁶³ *G.C.C.*, p.11.

⁶⁴ *G.C.C.* p.11.

⁶⁵ *G.C.C.*, p.11.

fundamentos que a todas e cada uma fornece, como pela sua exclusiva possibilidade de todas abarcar num círculo, o maior de todos.

Efectivamente para Seixas, apesar da enorme admiração que nutria pelas ciências, no topo da pirâmide do saber humano estava a Filosofia e não as outras ciências. Para ele, "toda a ciência tem as suas belezas: a filosofia tem-nas superiores às de todas as outras ciências"⁶⁶ porque "nada é mais belo que a verdade"⁶⁷ e a Filosofia tem-na como principal objecto e objectivo; a Filosofia "é uma ciência *universal*, porque é a luz que se derrama por todas as mais, concatenando-as sistematicamente e só é *especial* no sentido de ter também, além de ser pirâmide de todas as mais, uma área sua e só sua"⁶⁸.

Como um sistema de Filosofia é a "conjunção ordenada das leis de todas as ciências, operada por meio de sucessivas coordenações e subordinações, marchando sempre para o mais geral até se alcançar a universalidade"⁶⁹, segundo Cunha Seixas, é ascendendo dos factos às leis, destas às teorias pela "explicação parcial de uma certa ordem de factos"⁷⁰ e destas ao sistema "pela coordenação total das teorias sob princípios únicos e vastos"⁷¹, que podemos alcançar "a mais alta generalidade e o universal"⁷². É, então, das ciências que ascendemos à Filosofia, mas é também do cimo da Filosofia que podemos olhar as ciências. Chegados à Filosofia, como diz Seixas, "depois de percorrida toda a série das ciências, ficamos na posse dos páramos augustos da montanha e podemos do alto abaixar a vista para contemplarmos, em plano interior, as ciências que nos ficaram nos vales e nas quebradas, de onde ascendemos"⁷³. Para Seixas, só a Filosofia pode realizar a síntese do conhecimento do mundo, utilizando os elementos que a ciência dá, porque só um sistema filosófico, "o mais alto esforço do pensamento humano"⁷⁴, pode abarcar o todo. É claro para Seixas que quando descemos dessa mais alta pirâmide filosófica até ao mais humilde dos factos, o espírito perde abstracção e encontra a *compreensão* do concreto, e que subindo

⁶⁶ P.A., prólogo, p. XXXI.

⁶⁷ P.A., prólogo, p. XXXI.

⁶⁸ P.A., prólogo, p. XXXII.

⁶⁹ E.C.F., p.72.

⁷⁰ E.C.F., p.72.

⁷¹ E.C.F., p.72.

⁷² E.C.F., p.72-73.

⁷³ E.C.F., p.73.

⁷⁴ E.C.F., p.73.

"às mais altas regiões da extensão"⁷⁵, perdemos "a riqueza, a abundância de qualidades"⁷⁶ e ficamos mais pobres porque temos apenas o geral. Porém, "esta pobreza é a maior das riquezas"⁷⁷, porque "quando o espírito sobraça o universal é então que chega a conceber as coisas, porque só então vê a luz, o sol, que aclara as trevas ou o laço que prende todos os factos, todas as leis e todas as teorias"⁷⁸. Por isso o nosso autor conclui que só a Filosofia "é a ciência, que se pode dizer por excelência um sistema"⁷⁹.

Na mesma linha, para Cunha Seixas, "é a filosofia que, pela sua alta generalidade e pelas suas vistas universais, sobressai acima das outras ciências e lhes fomenta um impulso que nenhuma ciência individualmente pode ter"⁸⁰. Por isso, e vaticinando sobre o futuro dos povos ignorantes, como é, na sua opinião, o caso do povo português, Cunha Seixas diz amargamente: "deixai de parte a filosofia e tudo morrerá desalentado, porque faltará o núcleo que tudo liga no campo da ciência, o laço de união de todas as ciências, a pirâmide mais alta do edifício e sem a qual ele fica menos que possível"⁸¹. Em *Ensaios de Crítica Filosófica*, discutindo a posição de Domingos Tarroso — defensor, no seu atomismo panteísta, de que tudo o que é positivo não é Filosofia e vice-versa, de que as verdades da Filosofia não são verdades demonstradas e de que a verdade pertence à ciência que é fonte do positivo e base da Filosofia — Cunha Seixas reitera o primado da Filosofia relativamente às ciências, dizendo que "todas as ciências se fundam em verdades indemonstráveis, inacessíveis à experiência e base das nossas argumentações, como por exemplo os axiomas geométricos: (...) Que à filosofia pertence patentear o alcance, origem, extensão e carácter, desses primeiros princípios, além de outras teorias: (...) Que eles são fundamento de toda a certeza: (...) Que essa certeza é pois o característico da filosofia, que é portanto a ciência das ciências: (...) Que na filosofia como em todas as mais ciências há a hipótese, sem esta destruir o seu carácter de ciência: (...) Que

⁷⁵ *E.C.F.*, p.73.

⁷⁶ *E.C.F.*, p.73.

⁷⁷ *E.C.F.*, p.73.

⁷⁸ *E.C.F.*, p.73.

⁷⁹ *E.C.F.*, p.74.

⁸⁰ *E.C.F.*, pp.80-81.

⁸¹ *E.C.F.*, p.81.

a filosofia dando a todas as ciências as bases da evidência é a primeira das ciências e não um vão jogo do espírito"⁸².

A importância fundamentadora da explicação filosófica é, para o pensador pantiteísta, de tal modo indispensável às ciências que, como nos diz, "a filosofia não pode de si declinar a explicação e eis-nos metidos na alta Metafísica sob pena de ficarmos na escuridão e na triste noite da ignorância"⁸³ porque "a metafísica (...) é a ciência das realidades invisíveis e das leis efectivas e universais, a doutrina dos elementos das coisas e das suas qualidades permanentes e eternas"⁸⁴, pelo que "sem metafísica não há ciência"⁸⁵.

Fazendo a defesa intransigente da Metafísica como condição para o autêntico conhecimento, o nosso autor critica, sistematicamente e com veemência, as contradições positivistas resultantes da sua negação da Metafísica. Assim, na opinião do nosso pensador, o positivismo tem bases falsas, é contraditório com os seus próprios princípios, é dogmático na forma e errado na sua essência porque "a metafísica é sempre indispensável"⁸⁶ ao conhecimento. À Metafísica, cujo objecto é, em última análise, o universal, compete, segundo Seixas, "expor as leis vivas do universo"⁸⁷. Ficarmo-nos pelo particular em cada ciência, como acontece afinal no positivismo de Comte, significava "tolher o conhecimento, olvidar relações essenciais, e pôr de parte a universal generalidade das leis, e a síntese, que forma o ideal da filosofia"⁸⁸.

A Metafísica, diz Seixas, "a toda a hora nos impele, porque o nosso espírito não se contenta com as realidades do sensível"⁸⁹. "Como não há-de a metafísica discutir, se ela se impõe?"⁹⁰, pergunta o nosso filósofo. No seu espiritualismo pantiteísta, "este mundo que se nos amostra aos enganosos sentidos, é um por fora e outro por dentro"⁹¹. O que menor valor tem é precisamente a realidade aparente, porque "o estudo profundo faz ver outras realidades e estas

⁸² *E.C.F.*, pp. 122-123.

⁸³ *E.C.F.*, p.69.

⁸⁴ *E.C.F.*, p.61.

⁸⁵ *FDA*, p.47.

⁸⁶ *G.C.C.*, p.50.

⁸⁷ *G.C.C.*, p.50.

⁸⁸ *G.C.C.*, pp.50-51.

⁸⁹ *E.C.F.*, p.61.

⁹⁰ *E.C.F.*, p.63.

⁹¹ *E.C.F.*, p.63.

permanentes, universais e imutáveis⁹². É dessas realidades que se ocupa a Metafísica, e é com essas realidades que constrói as sínteses mais alargadas e englobantes, porque "a filosofia de cada ciência chega a umas leis (...), mas estas não bastam e é sempre necessário fazer-se uma construção mais alta e mais poderosa"⁹³.

Para justificar a função fundamentadora e sintetizadora da Metafísica — que com as leis universais, tão "*necessárias nas coisas como o são na razão*"⁹⁴, e tomados os resultados das ciências, questiona e encontra explicações mais sintéticas e mais fundas — Cunha Seixas dá alguns exemplos, entre os quais destacamos os seguintes: se vemos um corpo qualquer e medimos o seu volume, igual por exemplo a dois litros segundo a geometria, este é o volume real do corpo; não o é, segundo a física e a química, para quem esse volume é aparente, em virtude da descontinuidade molecular. Mas como sem a continuidade molecular dos corpos, não é possível explicar o espaço, fica-nos para resolver "o problema da continuidade combinada com a porosidade, isto é, a combinação do volume *real* com o volume *aparente*"⁹⁵. Segundo o nosso autor, cabe à metafísica discutir a continuidade do espaço, combinada com a descontinuidade dos corpos e perguntar "se o espaço é uma possibilidade apenas ou uma realidade"⁹⁶.

Exemplificando ainda, Seixas diz que "na matemática não tem fim a divisão: a metafísica mostra que há um gerador. Se estudarmos o movimento sideral, feito de momento a momento pelos globos, teremos a ideia do tempo e de infinitésimos de tempo e de infinitésimos de espaço contínuo. A metafísica mostra que não há número mínimo nem máximo porque todo o número é definido"⁹⁷. Mais ainda, para Seixas, "a tradição diz que no mundo há número, peso e medida. A metafísica toma os resultados das ciências e sustenta que o universo, na relação da quantidade, deve ser definido e não indefinido e que a evolução se funda em um *quid* primordial"⁹⁸.

⁹² E.C.F., p.63.

⁹³ E.C.F., p.63.

⁹⁴ E.C.F., p.67.

⁹⁵ E.C.F., p.63.

⁹⁶ E.C.F., p.64.

⁹⁷ E.C.F., p.64.

⁹⁸ E.C.F., p.64.

Para o nosso autor, as leis universais da nossa razão que a Metafísica usa para realizar as sínteses de que falamos, "não são abstracções: são realidades"⁹⁹ e, para ele, a Metafísica distingue-as bem das abstracções geométricas.

No mundo, diz Seixas, "a *aparência* é uma e a *realidade* é outra. Assim como no mundo astronómico o movimento aparente é um e o real é muito diverso, o mesmo sucede no mundo das leis universais e no mundo moral, sendo pois natural que ao coligirem-se as leis de cada ciência, o espírito, discorrendo a respeito delas procure a solução se a há, ou mostre onde está o insolúvel"¹⁰⁰. E para isso, segundo Seixas, "é sempre necessário, como dizia Kant, filosofarmos"¹⁰¹. É que as muitas incógnitas na ciência são, para o pensador, inevitáveis, porque, como ele mesmo nos diz, "a pobre ciência humana apenas divisa longínquos vislumbres do organismo universal, divisando porém sob o fenomenismo sensível umas realidades mais vivas, mais perfeitas e mais duradouras"¹⁰²; o mundo visível, para lá da multiplicidade experimental, "manifesta porém uma unidade universal, ínsita, imanente, sub-posta, fonte íntima e incógnita do movimento e da vida, inacessível ao fenomenismo, mas patenteada em todo o ser"¹⁰³, como é, por exemplo, quando "a alma, que dorme talvez na pedra, que se prenuncia no vegetal e que sente, pensa e quer no animal e no homem, chegando neste à ciência, à moral e à religiosidade, esta alma não é um múltiplo, nem pode ser uma consequência de uma combinação de pré-átomos (...) no estado etéreo, estado, que não revela uma outra matéria, mas somente um modo de ser da matéria"¹⁰⁴. Mas porque tanto o mundo visível e sensível como o invisível e supra-sensível têm de ser objecto da ciência, e sendo o mundo das ideias-elementos formado pela evidência de axiomas indiscutíveis, não pode a ciência banir o que não se pode negar e que pertence ao âmbito da Metafísica.

Contra a suposição riboniana, que Seixas considera falsa, de que na Metafísica não há certeza, porque não há nela factos verificáveis, o filósofo opõe que na Metafísica há factos e leis "e há mais certeza que em todas as outras ciências"¹⁰⁵ porque se, dado que não há comunicação directa entre o nosso espírito e o

⁹⁹ *E.C.F.*, p.65.

¹⁰⁰ *E.C.F.*, p.68.

¹⁰¹ *E.C.F.*, pp.68-69.

¹⁰² *E.L.F.*, p. XV.

¹⁰³ *E.L.F.*, p. XVI.

¹⁰⁴ *E.L.F.*, p. XVI.

¹⁰⁵ *G.C.C.*, p.200.

mundo, e nós só conhecemos o mundo externo pelas nossas ideias, no que se refere, por exemplo, ao mundo interior ele "patenteia-se (...) directamente no nosso espírito, que não é um ser sem leis mas as tem muito patentes e manifestas"¹⁰⁶. Além disso "o método da metafísica é o racional como é também o das matemáticas"¹⁰⁷ e "nem tudo pertence à experiência"¹⁰⁸. Se partíssemos da experiência, diz Seixas, a geometria, como outros saberes, seria impossível e, no entanto, nós confiamos nela.

Como se torna claramente inevitável, o pantiteísmo critica todas as formas de materialismo, "mostrando as insuficiências, os erros e contradições dos materialistas"¹⁰⁹. O próprio filósofo esclarece que, pela força da Metafísica, a cada livro materialista que é publicado, responde "logo a ciência dos amigos de Platão e Leibnitz, mostrando ao vivo os crassíssimos erros das escolas contrárias"¹¹⁰. Aliás, segundo Seixas, o espiritualismo, no campo da ciência especulativa, nunca terá nada a temer, porque na sua posição metafísica, não haverá materialismo capaz de o abater; "na escola como no laboratório, o metafísico facilmente mostra aos professores no meio das suas mais frisantes e significativas experiências, que o problema não fica explicado e que é necessário irmos mais longe"¹¹¹ e que "a metafísica é tão firme no seu terreno, que não há esforço que a derrube. Correspondendo, por um lado, às mais nobres tradições da humanidade e às suas naturais tendências, e por outro a bases indestrutíveis, que são fundamentos racionais de todas as ciências, nunca pode ser destronada, porque apelar-se a metafísica é apelar-se a razão"¹¹². Enfim, na defesa da Metafísica, em cujas realidades vê as leis das coisas, o filósofo pantiteísta, na terceira e última parte da sua última obra *Princípios Gerais de Filosofia*, e sintetizando todo o seu itinerário filosófico, reputa o pantiteísmo "como forma definitiva e real do espiritualismo"¹¹³ que, depois de mostrar as determinações de cada ciência em particular e de "todas em geral", consideradas tanto na permanência dos seus princípios como na evolução

¹⁰⁶ G.C.C., p.200.

¹⁰⁷ G.C.C., p.200.

¹⁰⁸ G.C.C., p.200.

¹⁰⁹ P.G.F., p.271.

¹¹⁰ P.G.F., p.271.

¹¹¹ P.G.F., p.271.

¹¹² P.G.F., pp. 271-272.

¹¹³ P.G.F., p.771; cf. P.G.F., pp.273-274.

infinda que compete a cada uma e a todas no seu conjunto¹¹⁴, nos dá uma harmonia de princípios formando, num sistema, a conjugação de todas as ciências numa "síntese harmónica das leis universais sob a unidade do absoluto"¹¹⁵.

Sem a unidade geral do todo universal, que só o absoluto e as verdades absolutas que o manifestam podem proporcionar, não há conhecimento verdadeiro nem sistema filosófico credível. Por isso, Seixas declara que a sua filosofia pantiteísta, como metafísica e como último e mais acabado estado do espiritualismo, "só espera uma única coisa para convencer: é entrar no conhecimento do mundo"¹¹⁶ porque, "conhecida que seja, nenhum obstáculo lhe surgirá e o seu triunfo é mais que certo"¹¹⁷ dado que "a abóbada de aço de leis absolutas, que antecede a exposição das ciências"¹¹⁸ e que fundamenta todo o seu sistema, "é eternamente forte, irresistível e inabalável"¹¹⁹. Quem pretender refutá-lo e combatê-lo, terá de argumentar, diz Seixas, e para argumentar terá, afinal, de se fundar numa lei absoluta envolvendo-se na confissão de uma qualquer verdade absoluta, de uma qualquer verdade metafísica.

¹¹⁴ Cf., *P.G.F.*, p.273; cf., *P.G.F.*, p.771.

¹¹⁵ *P.G.F.*, p.273; cf. *P.G.F.*, p.771.

¹¹⁶ *P.G.F.*, p.774.

¹¹⁷ *P.G.F.*, p.774.

¹¹⁸ *P.G.F.*, p.774.

¹¹⁹ *P.G.F.*, p.774.